

POVO ALGARVIO

SEMANÁRIO REGIONALISTA

Redactor Principal
MANUEL VIRGÍNIO PIRES

Redacção e Administração
Rua Guilherme Gomes Fernandes, 20—TAVIRA

Director, Editor e Proprietario

Dr. JAIME BENTO DA SILVA

ASSINATURAS

Série de 12 Números 5\$00

Composição e Impressão
Tipografia Socorro—Vila Real de Santo António

NÃO SE RESTITUEM ORIGINAIS QUER SEJAM OU NÃO PUBLICADOS

FEROCIDADE «CIENTIFICA»

Assim chamou um jornal de Lisboa à perversão diabólica com que eram torturados em Barcelona os presos dos vermelhos, que bem se pode avaliar pelo espectáculo alucinante que oferecem as «checas» encontradas na capital catalã.

O Mundo inteiro tem hoje conhecimento, por fotografias e testemunhos de jornalistas de todas as nacionalidades e matizes —alguns inteiramente insuspeitos— dessas câmaras de horror em que se martirizaram «cientificamente» centenas, milhares de pessoas, pelo único crime de serem católicos ou amantes da sua pátria, da ordem e da civilização.

Algumas das descrições desses antros bastam para pôr os cabelos em pé às pessoas bem formadas. Verifica-se mais uma vez que esses «emancipadores do género humano» excederam em requintes de ferocidade tudo o que a maldade humana inventou desde que o Mundo é Mundo.

Até aqui havia quem encontrasse desculpa para os crimes espantosos dos vermelhos, na psicose colectiva das multidões em fúria, desvairadas e irresponsáveis. Que subtilezas irão agora inventar para desculpar essas monstruosas torturas, concebidas e postas em execução a frio, o mais conscientemente possível?

Se as paixões políticas imbecis não cegassem o entendimento e a razão, esses cárceres de Barcelona deviam chegar e sobejar para que todos os homens que se prezam de o ser e que possuem dois dedos de inteligência, condenassem no Mundo inteiro o marxismo moscovita.

«Os jornalistas de todos os países, que visitaram os numerosos cárceres ou «checas» de Barcelona, ficaram espantados com o que viram.

Muitas inscrições encontradas nas paredes, dão testemunho do que padeceram os mártires do marxismo barcelonense, que teve tantos defensores no mundo chamado civilizado e que se chama até, por vezes, católico. Cámaras de emparedamento, cadeiras eléctricas, subterrâneos gelados, quartos de luz deslumbrante para enlouquecer os presos— tudo isto funcionava até há poucas semanas. E os criminosos que faziam funcionar estas torturas «científicas», chamavam-se e eram chamados pelo mundo «os legais!».

Ninguém poderá negar a justiça deste comentário. É espantoso, na realidade, que nações civilizadas, governos responsáveis, pessoas que se consideram honestas, persistam em ter os marxistas espanhóis noutra conta que não seja a de criminosos de direito comum, desde o infame Negrin ao mais infimo miliciano!

Depois de se ler qualquer descrição dessas «checas», pode-se desafiar quem for a contestar a qualificação acima feita.

Vejam-se estes exemplos:

«Havia umas celas, chamadas «sepulcros», onde os presos, pendurados do tecto pelos pés, oscilavam como pendulos. Quando transpunham a parte mais baixa da curva, a cabeça mergulhava num recipiente cheio de água. E isto durante horas e horas... até à morte.

As colonias no conflito internacional

Neste momento fala-se muito duma nova distribuição de colonias.

Ha três países que publicamente se apresentam como pretendentes á posse de colonias. O primeiro é a Alemanha que reclama as suas antigas colonias; a da Costa Ocidental de Africa que está sob mandato da União Sul Africana; a da Tanganika, na posse da Inglaterra; as do Togo e Camarões, partilhadas pela Inglaterra e pela França e algumas ilhas do Pacifico retidas pelo Japão. A Italia que julgavamos aquietada depois da conquista da Abissinia apresenta pela sua imprensa pretensões sobre a Somalia francesa e umã nova regulamentação de direitos para os italianos da Tunisia; enfim, ha um terceiro pretendente, a Polonia, que reclama colonias não dizendo quais nem onde e que invoca como fundamento daquele pedido a sua população e necessidade de materias primas para as suas industrias.

Porém, os países onde mais se fala da necessidade duma revisão ou nova distribuição das colonias são a França e a Grã-Bretanha. E, com efeito, em certa imprensa destes dois países que temos visto posto o problema. E nós compreendemos porquê: é que são estes os dois países visados pelas reclamações da Alemanha e da Italia. Ameaçadas pela tempestade eles pretendem varre-la sobre os outros.

Nós não esquecemos a alta contribuição dada pela Inglaterra para a descoberta do Mundo com os seus navegadores Wallés, Cook e Vancouver e os seus exploradores Levingstone, Canerom, Clapperton e Spek; nós não esquecemos tambem o nome de franceses como Baugauville, Freycinet e O'Urville. Mas antes deles por lá andamos nós, os espanhóis e os holandeses. Foi Portugal o primeiro país da Europa que fez sulcar o Indico e o Pacifico pelas suas caravelas. O que possuímos em Africa, na Asia e na Oceania, foi por nós descoberto e conquistado com sacrificio enorme de vidas e de bens.

Quem ousaria negar-nos o direito á posse de Angola ou de Moçambique onde desde ha mais de quatro seculos começamos a derramar, pela palavra dos nossos missionarios, a luz da civilização e da moral cristã?

Demais, hoje, depois da publicação do Acto Colonial, nós não temos colonias no sentido corrente da palavra. O que nós temos são provincias do Ultramar, tão portuguesas como as nossas provincias da Metropole, regendo-se pelas mesmas leis e participando dos mesmos metodos de administração.

Isto mesmo foi dito ha pouco com muita elevação pelo actual Ministro das Colonias a um jornalista francês.

Decididamente nada temos que ver com as reclamações da Alemanha, da Italia ou da Polonia e as insinuações de certa imprensa não nos inquieta o sono.

As nossas provincias do Ultramar não podem ser motivo de transação a qualquer titulo.

Ninguém em Portugal está autorizado a fazer delas a venda, a cessão ou qualquer outra operação de comercio. Opõem-se a isso a Constituição e a consciencia nacional.

J. C.

No tecto duma câmara havia argolas, donde se penduravam os infelizes, suspensos pelos pés. A cabeça ficava, em parte, submersa numa celha de água, até à altura do queixo. Se não faziam um esforço violentissimo, ficavam logo afogados. Claro está que todos os submetidos a este espantoso suplicio faziam esforços sobre-humanos para manterem a cabeça erguida fora da água. Por fim, exaustos, sem forças, morriam afogados, por já não poderem continuar a tensão muscular estúpida, a que eram obrigados por tempo indefinido.

Tambem havia uma câmara blindada, metálica, onde o priso sofria o tormento dum ruido espantoso de noite e de dia, sem cessar, até enlouquecer.

Estes exemplos chegam. Não serão os homens que concebem e executam tais torturas simples criminosos de direito comum? Que considerações de ordem politica podem absolver semelhantes monstruosidades?

Este número foi visado pela Delegação de Censura.

ECOS e Noticias

Corporativismo

Terminou a discussão do aviso prévio que o sr. Dr. Mario de Figueiredo tinha apresentado na Assembleia Nacional sobre a organização corporativa.

Se nos é permitido manifestar uma opinião neste assunto, parecia-nos que discussões, como esta, sobre detalhes, se deveriam realizar em sessões secretas. Públicas, só a votação da ou das moções que encerrassem o debate.

Criticas só servem quando são completas e os Senhores Deputados não são individualistas e não precisam, portanto, que o público os individualise nas suas apreciações.

Esperamos agora, confiadamente, os nacionalistas, que o Sr. Presidente do Conselho, que num dos seus admiráveis discursos, disse «não me solidariso com os erros de ninguém, nem com os meus próprios», fazendo a sua critica ás criticas da Assembleia Nacional, dê à organização corporativa aquela remodelação que todos os nacionalistas ambicionam a fim-de que o Estado Novo Corporativo se torne, cada vez mais, numa realidade benéfica para a Nação.

O novo Papa

De todos os pontos do mundo já partiram ou vão partir, a caminho de Roma, os Cardeaes, para tomar parte no próximo conclave donde sairá o sucessor de Pio XI. Se o resultado dos conclave é sempre esperado com o maior interesse, o do que se avizinha é esperado pelo mundo inteiro, católico e não católico, com viva ansiedade. A situação internacional é suficientemente aguda para que a personalidade do novo Papa, não seja considerada como duma importância capital para a manutenção da paz mundial.

Os jornais franceses, especialmente, levantaram a hipótese da nomeação dum Papa não italiano e indicavam logo o de Sua Eminência o Sr. Cardeal Patriarca de Lisboa. Surpresa dupla e, a última, extremamente honrosa para Portugal, atendendo, para mais, que a ideia partira de franceses que não tem o habito de, facilmente, reconhecerem a existencia de homens de valor em países de segunda categoria.

Escusado será dizê-lo que, em Portugal, essa hipótese foi acolhida com o maior alvoroço e alegria. Pode não se tornar em realidade, mas o que se não perde é a noção do valor do Senhor Cardeal Cerejeira, fóra da sua Pátria.

Temos por sua Eminencia a maior admiração. Os seus livros, as suas pastoraes, são proprios da alta mentalidade que um dia honrou a cadeira de Coimbra. Não sabemos, no entanto, se lhe havemos de desejar que se torne em realidade, tal profecia.

Que os designios de Deus se executem. E se assim for, se do conclave sair o segundo Papa português, que Deus o guie e ampare na resolução das tremendas dificuldades que o futuro Vigário de Cristo na terra, vai encontrar neste mundo desnordeado pelo paganismo invasor e multiforme.

Governador Civil

Tivemos o prazer de cumprimentar nesta cidade o nosso Ex.^{mo} Amigo, Sr. Major Armando Monteiro Leite, ilustre Governador Civil de Faro, que se dirigia a Alcoutim em missão oficial.

Na mesma ocasião, felicitámos Sua Ex.^a pela brilhante manifestação de que foi alvo em Faro e pela grande soma de benefícios que o Algarve acaba de receber do Governo.

Duas observações

Entre os melhores discursos que se proferiram na Assembleia Nacional, na discussão da Organização Corporativa, não queremos deixar de salientar, o do nosso querido amigo e comprouviano, Sr. Engenheiro Sebastião Ramirez, antigo Ministro do Comércio e que tem o seu nome ligado aos primeiros decretos corporativistas.

Pronunciou um discurso sóbrio, correcto, demonstrando o seu profundo conhecimento da causa em discussão.

A outra observação, ainda sobre o mesmo assunto, refere-se à frase do sr. Dr. Mário de Figueiredo, «eu sou do 31 de Janeiro desta causa!» Não podemos deixar de estranhar que este antigo Ministro do Estado Novo, com um passado de nacionalista combativo, tenha sido levado a proferir aquela frase, segundo disseram os jornais!

Estradas

O Governo, pelo Ministério das Obras Públicas acaba de espalhar pelas estradas de todo o País a quantia de setenta e um mil contos. É simplesmente formidável o esforço realizado neste ramo de serviços publicos. Por toda a parte temos estradas novas, melhoradas, conservadas. Só a estrada de Tavira a Cachopo continua à espera duma alma caridosa que se lembre dela.

Casa do Algarve

Os srs. Drs. Antero Nobre e José Fernandes Mascarenhas, pediram a demissão dos cargos de Vice-Presidente e Secretário da Casa do Algarve, por não concordarem com a solução que foi dada nos seus problemas mais graves nem com a orientação que se lhe tem pretendido dar.

CINZAS DO PASSADO

Tavira há 76 anos
VARIAS NOTICIAS

Fez-se justiça—O governo acaba de pôr termo a uma distincção odiosa por imposta na actualidade.

Por decreto de 9 foram nivelados os ordenados dos cirurgiões e dos medicos directores de enfermaria do Hospital de S. José. Era injusto que facultativo da mesma categoria e do mesmo estabelecimento tivessem ordenado diferente. Ficam ambos com 300 mil reis.

Do jornal que se publicava em Lisboa «O Algarviense», de 16 de Julho de 1863.

Concurso de Artigos sobre as Comemorações de 1940 publicados na Imprensa Portuguesa

A celebração dos centenários da fundação e restauração de Portugal tem dado ensejo à publicação, na imprensa portuguesa, de numerosos artigos em que o facto histórico e o seu significado são postos em devido relevo e estudados à luz de alto critério patriótico. Muitos outros valiosos trabalhos jornalísticos virão, certamente, a lume sobre o assunto, já durante o corrente ano, já em 1940, o «ano áureo» das comemorações.

A Comissão Executiva dos Centenários, no intuito de dar um justo galardão aos autores desses artigos que assim obterão a notoriedade mais duradoura que merecem, estabelecendo ao mesmo tempo um estímulo para que os jornalistas continuem a ocupar-se da gloriosa celebração, resolveu instituir, pela sua Secção de Propaganda e Recepção, prémios que serão atribuídos em 1939 e 1940.

O concurso relativo ao ano corrente é promovido nas bases seguintes:

Base I—A este concurso poderão concorrer todos os escritores portugueses, com artigos originais publicados em português, em jornais ou revistas de Portugal, ilhas adjacentes e colónias, e que tenham por tema as comemorações de 1940 e a sua significação.

Base II—Serão admitidos ao concurso os artigos publicados no período que vai da data da publicação destas bases até 31 de Dezembro do ano corrente.

Base III—Os concorrentes entregarão no Secretariado da Propaganda Nacional, onde funciona a Secção de Propaganda e Recepção, até 15 de Janeiro de 1940, os seus pedidos de admissão ao concurso, acompanhados de oito exemplares do jornal ou revista em que haja sido publicado o artigo com que concorrem ao prémio.

Base IV—O júri será constituído por seis figuras de reconhecido prestígio nas letras ou no jornalismo e pelo director da Secção de Propaganda e Recepção que presidirá, apenas votando em caso de empate.

Base V—Serão atribuídos os seguintes prémios indivisíveis: primeiro, de dois mil escudos; segundo, de mil escudos.

Base VI—O júri reserva-se o direito de não conceder qualquer dos prémios, se os trabalhos concorrentes não satisfizerem às exigências deste concurso ou lhes faltar a indispensável categoria literária.

Base VII—Estas bases constarão de documento afixado na sede da Comissão Nacional dos Centenários.

Teatro Popular

Com os bailes de hoje, amanhã e depois, terminam nesta sala de espectáculos os bailes de máscaras que ali se tem vindo realizando.

No de hoje será passado o filme *Uma noite na Ópera*, com os três irmãos Mars, comicos irresistíveis, que o nosso público vai pela primeira vez ver, numa comédia extraordinariamente burlesca.

No de amanhã a deslumbrante opereta *Canção Vienense*, Magda Schneider, no principal papel.

Finalmente no de terça, temos a super opereta que fecha com chave d'ouro a série de magníficas produções que se exibiram durante a presente época—*A Primavera Endiabrada*—com as vedetas Jeanette Mac Donald e Nelson Eddy.

VENDE-SE

Uma máquina de lavar roupa em bom estado. Nesta redacção se diz.

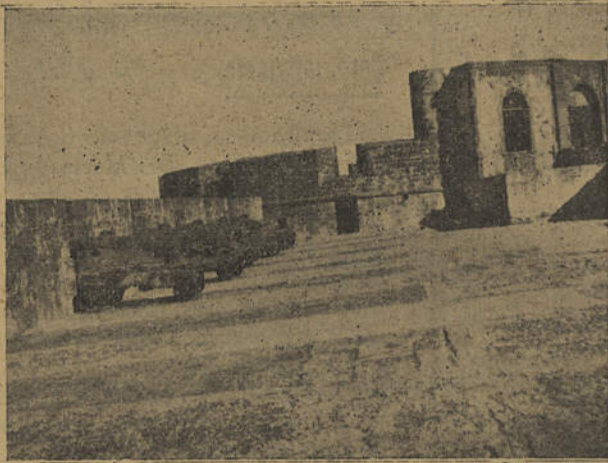
Impressões duma Visita a Marrocos

VIII

Os antigos domínios dos portugueses no Norte de Africa. Impressões de Azamor e de Mazagão

Seguindo pela estrada de Casablanca para o sul, ao longo da costa, depois dum percurso de 80 kms. através duma região fértil e povoada, encontra-se a antiga e pitoresca Azamor dos romanos, edificada na margem esquerda do rio Oum-er-Rebia a conhecida cidade de Azamor que atingiu uma notável prosperidade sob o domínio português.

Foi nesta região que os nossos antepassados realizaram as mais brilhantes façanhas épicas e colonisadoras. Como se sabe pela história, em Agosto de 1513 uma forte expedição de 15.000 homens, sob o comando do Duque de Bragança chegou ao porto de Mazagão, que fôra escolhido como base de operações. Estas forças puzeram-se em marcha para Azamor, desbaratando alguns bandos de cavaleiros mouros que procuravam impedir-lhes o movimento. No dia 23 de Setembro os arabes repeliram o assalto, que os portugueses ten-



O forte português em Mogador

taram ao romper da manhã. Esperavam um exercito de socorro, que chegou à tarde, mas o bombardeamento feito pela nossa artilharia, fez com que o inimigo abandonasse a cidade e retirasse desordenadamente. Esta noticia produziu em Lisboa uma grande alegria, porque se supunha que a tomada de Azamor iria facilitar-nos a posse do reino de Marrakech. O pânico que nessa ocasião se produziu nos mouros foi desolador. As tribus de Chaouia fugiram, as cidades de Tite e Almedina foram abandonadas e os portugueses começaram a sentir as consequências dum isolamento que lhes criou serias dificuldades até que D. João de Menezes, sucessor do Duque de Bragança fez restabelecer a confiança, por meio duma politica de atração e a pouco e pouco a situação melhorou em Azamor, que atingiu sob o nosso domínio uma notável prosperidade.

Esta cidade agora exclusivamente indigena não apresenta grande interesse que nos faça perder tempo na visita aos seus quatro bairros, vale porém a pena ir a Sidi-Ali apreciar a magnifica vista de Azamor e o reflexo das suas muralhas brancas sobre as aguas avermelhadas do Oued que corre a seus pés. Atravessamos a ponte sobre o Oum-el-Rebia e depois de subirmos um declive aspero entramos na cidade de aspecto pitoresco.

Alguns grupos de mouros caminhando ao lado dos burros, seguem pachorrotamente e olham nos com indiferença. A cidade do lado do oceano tem uma orla de belos jardins e vergeis de romeiras e *hennés*, arbustos donde extraem a tinta que as mouras empregam para pintarem as mãos e as palpebras.

Deixamos Azamor, onde o excursionista encontra aspectos da vida do Maghreb e depois dum percurso de 17 kms. entramos em Mazagão, onde sentimos a forte emoção ao atravessarmos as principais ruas e largos que conservam ainda os nomes portugueses. Passamos pela rua Direita, seguimos para a rua das Curvas, depa-



Um ninho de cegonhas perto de Fez

ramos com a rua da Nazaré, rua do Celeiro, e vamos até a Porta do Mar. Visitamos a sala vastissima, com as suas colunas magestosas na primeira fortaleza construída pelos portugueses no principio do seculo XVI e que serviu de cisterna depois do acabamento da fortificação da cidade em 1541. Passamos depois á Torre da Cadeia, a Praça do Terreiro, rua do Arco e ao baluarte do governador, no forte que se conserva intacto desde o tempo dos portugueses.

Mazagão é uma cidade alegre, com extensas avenidas e o seu traçado europeu foi delineado segundo o plano do nosso arquitecto João Castilho, tendo a cidade levado 36 anos a fortificar, e ficado como o centro dos grandes empreendimentos realizados pelos portugueses na zona sul de Marrocos. Nesta cidade sente-se o prestígio que conquistaram os portugueses, devido certamente ao cerco que Moulay Mohamed fez á cidade em 1561 e que foi repellido victoriosamente pela guarnição que constava apenas de 2600 portugueses. Mazagão foi abandonada pelos portugueses em 1769 depois de ter sido construída em grande parte. Depois do protectorado francês esta cidade tem sido embelezada e constitue hoje um dos mais atraentes pontos de turismo, pelo seu clima temperado, pela magnifica praia que é muito frequentada no verão.

A visita a Mazagão é a que mais nos prende pelos aspectos do seu porto, pelas suas muralhas, pelas suas portas com os escudos dos reis de Portugal, pelas páginas gloriosas que por todos os lados os nossos antepassados ali deixaram impressas.

J. Corrêa dos Santos

Assinaí o "Povo Algarvio"

Sociedade Orfeónica de Amadores de Musica e Teatro

Festa comemorativa do 8.º aniversário

Para comemorar o 8.º aniversário da «Sociedade Orfeónica de Amadores de Musica e Teatro», realizou-se nesta agremiação artistica, na noite do passado dia 14, uma interessante festa, que foi iniciada com a execução do Hino da Sociedade tocado pela orquestra, o que foi ouvido de pé pela assistencia; findo o qual se deu inicio á parte artistica.

Mles. Ermelinda Bernardo Raimundo e Maria Catarina Terramoto, recitaram poesias, escritas expressamente para a festa, pelos seus autores srs. Victor Castela e Adriano Batista.

Seguiu-se a representação da pequena Alta Comedia, em 1 acto, original de D. Alice Ogando, «Despedida», no qual tomaram parte Mle. Olga Soares e Liberto Conceição.

E' ainda Liberto que a seguir recita a poesia inédita do poeta algarvio João Braz, intitulada «Algarve».

Para finalizar esta parte artistica, um grupo coral composto Mles. Cacilda Batista, Maria Nunes, Matia Luiza Ventura, Adelaide Lopes, Leopoldina Frangolho e Maria dos Anjos Domingos, cantou «Alma Andaluza», letra do nosso camarada de redacção Manuel Virgínio Pires e musica do maestro Herculano Rocha; o qual foi regido pelo referido maestro. Todos os numeros foram muito applaudidos.

Num dos intervalos gentis meninas, procederam á distribuição pela assistencia, do soneto do sr. Victor Castela, escrito para a festa, e que ele num gesto muito para louvar mandou imprimir e distribuir pelos seus sócios.

Seguidamente os srs. Paulo Raimundo, Liberto Conceição e Luiz Santos, respectivamente Presidente e Secretarios da Assembleia Geral, procederam á entrega ao maestro Herculano Rocha, regente do Orfeon, da Sociedade, do diploma de Sócio Honorário, o qual lhe foi conferido por proposta da direcção cessante a que presidia o sr. Miguel Bagarrão, e aprovada em Assembleia Geral de 12 do corrente.

Este acto foi coroado com uma prolongada salva de palmas.

Numa das salas da Sociedade, foi depois servido aos convidados, socios e familias, um porto de Honra, que serviu de protesto para troca de varios brindes, tendo usado da palavra o sr. Victor Castela que incitou a que todos trabalhassem, para que a Sociedade a que ele se honra de pertencer, continuasse conquistando os louros a que tem jus, sendo no final muito applaudido.

Durante a festa foi recebido um telegrama de felicitações do socio ausente sr. dr. Moura Diniz.

Seguiu-se depois o baile que durou até manhã no meio de grande entusiasmo.

Abrihantou esta festa a orquestra Tipica Luzitana, de Vila Real de Santo Antonio, sob a regencia do distinto violinista José Saraiva Rosa.

A forma como decorreu a festa, demonstra a força de vontade que existe entre todos.

Que a Sociedade Orfeonica continui na senda do progresso, são os nossos votos.

AVISO

Eugénio Rodrigues Madeira, residente na fazenda do Colaço, em Vila Nova de Cacela, faz público: Que não se responsabilisa por qualquer divida contraída por seus filhos, salvo se fôr por si autorisada em documento assinado.

Leite de vaca

Puro vende-se na Horta das Canas—TAVIRA.

Companhia de Pescarias "Barril ou Três Irmãos"

S. A. R. L.

SEDE EM TAVIRA

Assembleia Geral Ordinária 1.ª e 2.ª Convocatória

Em Conformidade com os Estatutos desta Companhia e em harmonia com os artigos 137 e 138 da lei n.º 16731, de 13 de Abril de 1929, convoco a reunião da Assembleia Geral Ordinária, para o dia 26 do corrente, pelas 14 horas, no escritório da Companhia, a fim de se pronunciar e deliberar sobre os numeros 1.º, 4.º, 5.º, 6.º e 9.º do artigo 14.º dos nossos estatutos.

Não havendo número legal de accionistas ou capital para poder funcionar a assembleia, na data supracitada, fica desde já marcada para o dia 19 do mês de Março p. f., ás horas e local acima indicados.

Tavira, 8 de Fevereiro de 1939.

O Presidente da Ass. Geral

João Júdice de Vasconcelos

Necrologia

No dia 13 do corrente, faleceu nesta cidade, donde era natural o sr. João da Fonseca Farroba, de 78 anos, calafate, viuvo da sr.ª D. Ana Maxima Caleça.

A seus filhos D. Maria dos Martires da Fonseca Matos, D. Izabel da Fonseca Moreno e sr. Joaquim Asdrubal Fonseca o «Povo Algarvio», envia sentidas condolencias.

VENDE-SE

Uma courela no sitio da cativa, freguesia da Conceição.

Quem pertender dirija-se a José Martins Ferro, sitio do Belmonte, freguesia da Luz.

COMARCA DE TAVIRA

ANUNCIO

Faço saber que por este Juizo correm éditos de 30 dias, citando Tereza Gaspar, domestica e seu marido José Rodrigues Gloria, trabalhador, ausentes em parte incerta da Republica argentina, cujo ultimo domicilio foi no sitio de Amaro Gonçalves, freguesia da Luz, desta comarca, de que foi designado o dia 30 do proximo mês de Março, por 12 horas, no Tribunal Judicial desta comarca, para se louvarem em peritos nos autos civis com processo especial de divisão de coisa comum em que é requerente Maria Marques Costa, viuva, domestica, residente em Tavira, nos termos e para os fins do disposto no art.º 46 § único do Dec. 21.287 e 568 do Codigo do Processo Civil, podendo tambem deduzirem, no praso legal, a opposição que tiverem por conveniente, tudo conforme a petição inicial junta nos referidos autos.

Tavira, 13 de Fevereiro de 1939.

O Chefe da 3.ª Secção, int.º

José Mateus Mendes

Verifiquei a exactidão

O Juiz de Direito

J. de Deus Pereira

O «Povo Algarvio» vende-se, em Tavira, na Tabacaria Santos.

Utilidade da Estenografia

Falar duma ciência tão delicada como é a estenografia, não é trabalho fácil para aquele que, como eu, a escassêz de conhecimentos literários é manifesta.

Por isso, e como natural consequência, este trabalho é para mim espinhoso e a resistência tem de ser grande, para, quando não vencer, pelo menos equilibrar-se com o obstáculo que se me apresenta duplo.

Duplo por isto. 1.º: porque a minha instrução não é grande e portanto a dificuldade que encontro para transmitir o meu pensamento é bastante nitida.

2.º: porque apesar de ser um bom amigo e (passe a expressão) bom praticante de estenografia, não é o suficiente para me pôr com certas considerações que só os mestres a elas estão autorizados.

Como quem escreve, a primeira coisa a ter em vista é que, não escreve para si mas sim para os outros, o meu principal cuidado é pois, pedir a benevolência dos que por ventura me lerem, mórmente aos mestres e ainda em especial ao grande e distintíssimo propulsor da estenografia portuguesa, sr. Manuel Joaquim da Costa, para que todos atendam à minha pouca instrução e me perdoem por toda e qualquer deficiência que de certo encontrarão.

E' pois que, confiado neste princípio, tento dizer alguma coisa acerca de tão rendosa escrita.

Se o faço, não é para ocupar jornal, mas sim porque há a necessidade de levá-la ao conhecimento de muita gente boa...

Se muitos há que ainda não ouvirem falar da estenografia, muitos mais há que, não a praticam nem mesmo a conhecem.

Lastimoso é que esta arte-ciência, como lhe chamam alguns, esteja entre nós quasi desconhecida. Como poderiam, por exemplo, os jornalistas ou os reporteres desempenhar-se cabalmente da sua árdua missão, se não fosse esta quasi que milagrosa modalidade de escrita?

Seria inteiramente impossível; e seria tanto impossível quanto é útil a sua aplicação.

Entre nós, raro é aquele que faz dela uso, enquanto que no estrangeiro, sobretudo na América, Inglaterra, Alemanha e França, não há empregado público ou comercial, advogado, médico, official, e todos esses indivíduos que exercem profissões de certa responsabilidade, que não sejam obrigados a conhecê-la e a praticá-la. E porquê? Porque nesta época de informações rápidas e constantes, só ela nos pode dar as instruções mais exactas, com todos os pormenores por mais circunstanciados que eles sejam.

Lembremo nos que durante a guerra de 1870, o general «Steinmetz», reconhecendo as vantagens da estenografia, recomendou-a aos seus officiaes.

O advogado, como disse monsier Delaunay, tem muitas vezes o maior interesse em possuir, para as causas que defende, quer nas reproduções da advocacia do seu adversario quer ainda nas conclusões tomadas pelo Ministério Público, conhecimentos estenográficos.

O notário, para a reprodução das notas da audiência que poderão guiar, muitas vezes, os juizes nas suas deliberações; o official ministerial que redige uma acta ou um contracto de venda, cujas indicações fornecidas pelos clientes são quasi sempre muito delicadas; o médico, para notar duma maneira exacta o diagnóstico que pôde estabelecer a cada um dos seus numerosos doentes; o engenheiro, que tem múltiplos relatórios a ditar e a redigir, sobre assuntos absolutamente técnicos; o banqueiro ou agente de câmbio, nas transmissões das diferentes ordens de Bolsa, devem recorrer à estenografia.

Na América, por exemplo, não há ramo algum onde se exerça a

actividade humana, que não tenha contratados os seus estenógrafos, de tal forma que: nos navios, comboios, estações dos caminhos de ferro, telégrafos, quaisquer repartições publicas, e inclusivamente nos cafés, hotéis, cinemas e teatros, eles aí estão para, quando alguém precisar de discutir os seus interesses, as suas resoluções serem imediatamente estenografadas e transcritas à máquina.

Olhamos para a França e lá vemos sindicatos e sociedades com o fim de formar alunos e procurar casas comerciais para ai os colocar, onde estes chegam a adquirir honrosos logares e brilhantes carreiras.

Na Inglaterra existe hoje, com o auxilio dos municípios, escolas práticas de estenografia, que funcionam, anualmente, com mais de dois milhões de alunos dos dois sexos.

Na Alemanha, este estudo é tomado mais a sério; as escolas desta disciplina que aí existem, são num número superior a sessenta mil, e o de alunos em diversos graus, é elevado a mais de seis milhões.

E nós, o que temos? Nada ou quasi nada. A não ser meia dúzia de escolas com um número muito reduzido de alunos que apenas aprendem a fazer pouco mais do que os primeiros «signos» ou «sons», o resto vive sem notar a sua falta, sem a exercer e, até, ignorando a sua existência.

Isto deve attribuir-se a quê? Não sei; talvez à falta de propaganda e estímulo.

Pode dizer-se que em Portugal não existe uma publicação estenográfica enquanto que na Inglaterra existe, além de outras, o «Jornal Fonético» que tem uma tiragem de cento e vinte mil exemplares, contribuindo assim consideravelmente para o desenvolvimento desta arte-ciência.

Há um outro factor importante que muito tem contribuído para o estado de atrasamento em que está a estenografia portuguesa.—o da confusão que mette a quem a não a conhece—.

Tenho falado com várias pessoas a este respeito, e não encontrei ainda alguma que me não dissesse esta ou outra frase com o mesmo sentido: nem que eu andasse a vida inteira a estudar, não era capaz de aprender tais «gatafunhos».

De facto parece ser verdade; quem a não conhece julga-se incapaz de a aprender. Todavia, hoje posso afirmar, não só pelas bocas dos mestres como por experiência própria, que pode-se aprendê-la em seis meses, desde que haja vontade de estudá-la duas horas por dia.

E' claro que, o maior ou menor aproveitamento depende, como todas as coisas, da intelligência, vocação e dedicação de cada um. Contudo, pode dizer-se sem receio de engano, que a media geral ao fim de seis meses com uma lição diária de duas horas, é de cincoenta a sessenta palavras por minutos.

Como se vê, é já uma média muito boa, visto que é muito mais rápida do que a escrita normal; melhor será com a continuação do tempo e estudo, podendo-se até chegar a escrever oito ou dez vezes mais rápido, com uma velocidade, quando não maior, pelo menos igual à que se fala.

Há pois imensa vantagem em aprendê-la e praticá-la, e só terá a ganhar aquele que tiver a nitida compreensão de quanto, não só é bonita e bem remunerada, como necessária e mesmo indispensável é a sua aplicação.

Cadaval, Dezembro de 1938.

Lyta

Farmácia de Serviço

Encontra-se de serviço urgente durante esta semana a Farmacia ALDOMIRO.

Noticias Pessoais

Aniversários

Fazem anos:

Hoje—D. Maria Isabel Marques Teixeira d'Azevedo.

Em 20—D. Maria da Natividade Matos Rodrigues, sr. Alf. Joaquim Judice Leote Cavaco e o menino Jorge Eleuterio de Oliveira Cruz.

Em 21—Srs. Luiz Eduardo Parreira e João Ignacio Garrana.

Em 22—Srs. Damião José Afonso Ferreira, Abilio Costa da Encarnação, e as meninas Maria Leonor Viegas Ventura e Alda Maria de Oliveira Cruz.

Em 23—Srs. Pedro Rodrigues Martins e Dr. José Maria Pereira.

Em 25—Sr. Tenente-coronel Jaime Pires Cansado.

Partidas e Chegadas

Esteve nesta cidade o sr. capitão Jacques Rafael Sardinha da Cunha.

—Esteve entre nós o sr. Dr. José Francisco Teixeira de Azevedo.

—Encontra-se nesta cidade a sr.ª D. Virginia Chaves Ramos em companhia de seu filho sr. Joviano Chaves Ramos, aluno da Faculdade de Ciências.

—Em companhia de seu filho Ruy foi a Lisboa a sr.ª D. Isaura Palermo Ferreira, esposa do sr. José Joaquim Ferreira, importante industrial da nossa terra.

—Esteve nesta cidade o Ex.º Coronel José Augusto Rodrigues, residente em Lisboa.

—Foi a Lisboa em companhia de sua esposa o sr. Engenheiro Joaquim Mendes Cipriano.

—Acompanhado de sua esposa regressou de Lisboa, o nosso prezado assinante sr. Antonio Gonzalez, distinto mecânico que foi adquirir um óptimo sortido das melhores máquinas de escrever.

PELA CIDADE

Tavira Ginásio Clube—Sob a presidência do nosso Director, sr. Dr. Jaime Bento da Silva, reuniu a Assembleia Geral do Tavira Ginásio Clube, no dia 15 do corrente, para a aprovação dos novos estatutos.

Clube Recreativo Tavirense—Na passada quarta-feira, dia 15 do corrente, procedeu o maestro Hercuno Silvério da Rocha, à escolha das vozes para Orfeão da Sociedade Orfeónica de Amadores de Música e Teatro, que acompanhará a Embaixada Artística em organização.

Excursão—Organizado pela C. P. chega amanhã a esta cidade vinda de Lisboa, uma excursão composta de 30 pessoas.

Aguarda-se a sua chegada pelas 16 horas e 30 minutos.

ESCOLA

Comercial Portuguesa

POR CORRESPONDENCIA

Rua do Arsenal, 54-3. LISBOA

Fundada em 1930

e ao abrigo do Decreto 23.447

Habilitação garantida para.

Guarda-livros

em 8, em 12 ou em 20 meses, conforme o tempo de que o aluno dispõe em cada dia, a sua idade, etc.

Quadro de Honra: alguns distintos alunos

N.º II

Sr. Rafael Antonio Madeira—Beja

Sr. José Mateus de Matos—Abelá (Gare)

Sr. Elicidio Barbas Santos—Portalegre.

Sr. Pedro Rebelo Malhado—Monforte.

Sr. José Anão Espiga—Vila Viçosa.

(Iremos publicando mais nomes nos numeros seguintes.

Cursos de Escrita, Contabilidade, Estenografia, Dactilografia, etc.

Peça grátis o nosso livro de propaganda que contém planos de estudo, programas dos diferentes cursos, tabelas de preços, muitas centenas de nomes e moradas de antigos alunos, de Lisboa, Porto, Provincias, Colónias e estrangeiro, etc.

Se lhe for possível recorte e envie-nos este anuncio.

Agente no Algarve: Para informações e matrículas, Sr. Alvaro Correia de Carvalho, Avenida da Republica, n.º 128, OESHAO.

O que será a Exposição do Mundo Português

(Conclusão do número anterior)

II

O Brasil terá, porém, na Exposição, como não poderia deixar de ser—e foi desde o início marcado e determinado pelo sr. Presidente do Conselho—a sua significativa representação especial. Haverá um pavilhão consagrado à descoberta, fundação portuguesa e à monumental acção histórica de Portugal no Brasil. Um segundo pavilhão dirá a grandeza da civilização brasileira. O seu papel actual, os seus recursos, a sua história. O governo português convidou o Brasil a construir ou decorar, êle próprio esse segundo palácio. O Brasil será assim a única Nação que colaborará com Portugal numa representação da sua própria iniciativa, na Exposição de 1940.

O Pôrto será representado na Exposição por um padrão, digno do importante papel que a cidade invicta tem desempenhado na história da nacionalidade.

No pavilhão de honra haverá uma grande sala para concertos onde se apresentará toda a história da música portuguesa, desde as poesias galaicas e da obra dos trovadores aos contrapontistas de Evora e Vila Viçosa e ás obras dos nossos dias.

Um Pavilhão será dedicado ás «Artes, Ciências e Letras», com a sala de honra dedicada a «Os Lusíadas»; outro consagrado á «Imprensa» e ao «Turismo». E, finalmente, um grande palácio, que constituirá um dos lados monumentais da «Praça do Império» em frente dos Jerónimos, representará «Portugal-1940» isto é, a projecção no Presente dos oito séculos de história que a Exposição comemora. Essa realização será confiada ao Secretariado da Propaganda Nacional.

«Lisboa» terá o seu pavilhão, com a visão de Lisboa do passado e da Lisboa do presente.

Uma ante-visão da Lisboa futura coroará a Exposição. Através dela o público poderá contemplar uma enorme maquette, em relevo, da Lisboa de amanhã, novo cais aéreo da Europa, praia do Ar do Ocidente. Essa imagem será o complemento do outro «Pavilhão Central, colocado à frente da Praça do Império, contendo a Grande Esfera que representará o Mundo Histórico Português sulcando por todas as vias históricas Portuguesas, traçadas em luz.

Apoiado aos flancos do «Palácio da Fundação», reconstituir-se-á a Casa de Santo Antonio.

Haverá um jardim dedicado á poesia portuguesa — o «Jardim

dos Poetas», com reproduções plásticas das grandes criações poéticas nacionais—e, não longe a «Avenida dos Heróis», com as estátuas das figuras máximas da história heroica de Portugal.

Fundada no Tejo, admirar-se-á uma das naus comerciais da Carreira da Índia, reconstituída nas suas dimensões e na sua formosa decoração. Dos seus restaurantes, das suas salas de festas, poder-se-á participar nas festas marítimas que constituirão uma das atracções de 1940. A seu lado, estará também ancorada uma cópia fidelíssima de «S. Gabriel» que dali há-de largar para o desfile fluvial.

A Exposição Histórica Portuguesa será completada por duas grandes secções: a Etnografia Colonial que estenderá a reconstrução das suas aldeias africanas, a reprodução de uma rua de Macau, a demonstração das nossas culturas e dos nossos costumes coloniais, etc. pela soberba decoração do Jardim Colonial. Pela primeira vez se realizará na Europa uma visão completa da etnografia colonial. E a «Etnografia Metropolitana» será um verdadeiro álbum português, com um pavilhão dedicado á história etnográfica portuguesa, á história do traje, da ourivesaria, do barro, das industrias populares e regionais portuguesas, etc. e a reconstrução de um grupo de aldeias dos diferentes tipos das nossas provincias, uma feira do norte com o seu pitoresco e sua vida mercantil, festas do campo, etc.

Haverá igualmente um «Parque de atracções», um Teatro, que será simultaneamente um pavilhão consagrado a exhibições de flores, de frutos, de paisagens portuguesas; uma grande sala de cinema e vários restaurantes para todos os preços. E tambem um «Parque Infantil» para recreio das crianças, cujas famílias visitem a Exposição, um «Parque de merendas», continuando pitorescamente a Exposição até á linda Ermida de S. Jeronimo. A parte central da Exposição será ligada á margem do Tejo por meio de passerelles e passagens subterrâneas. A grande Praça em frente dos Jerónimos, que faz parte do plano de urbanização da cidade, será o grande átrio da Exposição—animada por fontes luminosas, povoada pela reprodução de alguns dos padrões comemorativos da projecção portuguesa no Mundo.

A Exposição do Mundo Português será assim a cidade da História de Portugal, uma nobre e magnífica lição de beleza e patriotismo.

ANUNCIO

2.ª PUBLICAÇÃO

Faço saber que no dia vinte e seis do proximo mês de Fevereiro, por 12 horas, á porta do Tribunal Judicial desta comarca, se ha-de arrematar a quem maior lance oferecer acima do valor da respectiva avaliação os seguintes direitos:—1.º O direito a metade em um quinhão de terra de semear, denominada «Cerca da Oliveirinha», quinhão este que se acha demarcado, situado nos arredores do Monte da Casa Nova das Cortelhas, freguesia de Cachopo, desta comarca, avaliado em Esc: 300\$00; 2.º O direito á sexta parte em uma cerca no sitio do Monte do Lobo, freguesia de Cachopo, desta comarca, denominada «Cerca do Poço», avaliada em Esc: 400\$00. Estes direitos são arrematados nos autos de execução por custas e selos que o Ministério Publico move contra Manuel Joaquim, menor, representado por seu pai Joaquim Inácio, solteiro, trabalhador, residente no Vale de

TRESPASSA-SE

O antigo Hotel Caleça, com todos os pertences, situado na Rua José Pires Padinha.

Quem pretender dirija-se a Vicente dos Mártires.—Tavira.

MOBILIAS

Vendem-se completas de sala, casa de jantar e escritorio e bem assim tres maiples.

Tratar com Luis Filipe Monteiro Santos, Praça Zaccarias Guerreiro-Tavira.

João Farto, freguesia de Cachopo. Pelo presente são citados quaisquer credores incertos.

Tavira, 26 de Janeiro de 1939.

O Chefe da 3.ª Secção Int.º

José Mateus Mendes

Verifiquei a exactidão

O Juiz de Direito

João de Deus Pereira

Drogaria Tavirense

DE
SOUSA ROSA & VICENTE, L.^{DA}

DROGAS e PRODUTOS QUIMICOS
Alcatrão, Pés louro, Qual-Tar, Sulfato de cobre e enxôfres
OLEOS, TINTAS, VERNISES e SECANTES

FERRAGENS NACIONAIS E ESTRANGEIRAS
FERRAMENTAS

ARTIGOS de BORRACHA
Tubos para irrigador, sacos para gêlo e agua quente

AGUAS MINERO-MEDICINAIS
Vidago, Melgaço, Pedras Salgadas, Castelo e outras

Perfumaria

Completo sortido das acreditadas marcas
NALY BENAMOR, SANTA CLARA, HARLESSE, TOKALON etc. etc.

Rua José Pires Padinha
TAVIRA

Bernardino M. Mateus

GENEROS ALIMENTICIOS DE 1.^ª QUALIDADE

PERFUMARIAS, LOUÇAS, VIDROS
E ARTIGOS DE NOVIDADE

R. Alexandre Herculano, 2 e 4 - R. da Liberdade, 1 e 5

TAVIRA

A COMPETIDORA

DE
José Augusto Neves

28, Praça da República, 29

TAVIRA

Tem sempre ótimos artigos de Lanifícios e Algodões aos melhores preços.

SERVIR BEM É O SEU CAMINHO!

Nesta época festiva recomenda-se a V. Ex.^{as} uma visita ao estabelecimento.

Cunha & Dias, L.^{da}

8 - RUA DA LIBERDADE - 10
TAVIRA

Agencia da Tabaqueira
e da Fosforeira Portuguesa
Venda de tabaco e fosforos
aos melhores preços
Condições especiais
para revendedores

Vende-se

Uma casa no alto de S. Braz com armazem grande no rez de chão, quintal, palheiros, seis divisões no 1.^o andar e armazem anexo.
Nesta redacção se informa.

Sebastião do Nascimento Gonçalves

(Antigo empregado da Casa José Viegas Mansinho)

RELOJOEIRO

Junto ao Mercado Municipal
R. José Pires Padinha

TAVIRA

Concertos, reparações e limpeza de: Relógios, Ouro, Prata, Joias, Grafonolas, etc., etc.

Pelos preços mais módicos

Quere is fazer bons negócios?

Anúnciam no semanário regionalista

"Povo Algarvio"

Paulino & Graça, L.^{da}

RUA JOSÉ PIRES PADINHA

TELEFONE N.º 41

TAVIRA

Os melhores

Artigos de Merceria

Excelentes

Chás e Cafés

Puro

Azeite do Alentejo

Lindas

Louças

Finos

Vidros

Bons

Talheres

Duráveis

Esmaltes e Ferros de engomar

Gostosa

Confeitaria

Saborosos

Licores e Vinhos do Porto

Chique

Papel de Cartas

Variados

Brinquedos

Escolhida

Perfumaria das marcas—NALY, BENAMOR, SANTA CLARA, TAPAS, etc. . .

Sabonetes—Loções—Rouges

Batons—Pós de Arroz

Pastas Dentífricas

Crems Dentífricos, etc. . .

Apreciáveis

Descontos aos Revendedores

Módicos

Preços

Recordar é viver

Bento (alfaiate)

Ex-Oficial da casa João Carvalho (Espanhol), ao Chiado, «Ultimo Figurino», Lisboa

Confecções de fatos para senhoras pelos ultimos figurinos

Tendo como gerente técnica M.^{me} Guilhermina Bento

Rua Roque Féria, 20

ou no próprio

Joaquim do Carmo Bento

TAVIRA

Aparelhos de T. S. F.
das melhores marcas
do mundo como sejam:

PONTO AZUL,
KÖRTING,
PAILLARD, etc., etc.

VENDE:

Francisco Padinha Raimundo

TAVIRA

Tipografia Socorro

(MOVIDA A ELECTRICIDADE)

TRABALHOS TIPOGRAFICOS EM TODOS OS GENEROS

FÁBRICA DE CARIMBOS DE BORRACHA

A casa mais bem montada na provincia
e a que mais barato trabalha.

VILA REAL DE SANTO ANTONIO

Precisam-se Agentes na Provincia

Assinai o "Povo Algarvio"

Só no LONDRES SALÃO



e na alfaiataria de V. Lopes encontrarão o Desportex

É o tecido ideal para todos os fins.

Pela sua construção e pela sua enormidade de desenhos e coloridos, como V. Ex.^a pode facilmente examinar pelas suas famosas coleções, tem vantagens sobre qualquer outro tecido para a vida de VIAGEM, CAMPO e DESPORTO.